

O DIZER DO LOCUTOR VALIDADO PELO DISCURSO DO OUTRO: UMA ABORDAGEM ATRAVÉS DO EMPREGO DOS OPERADORES

Maria Aldenora Cabral de Araújo (UFPE)¹
maca.duda@ig.com.br

Resumo:

Este artigo objetiva analisar, à luz dos operadores, o jogo imaginário que o locutor estabelece com os dizeres do Outro para marcar a sua posição no enunciado. Em tal análise, dois parâmetros funcionam como balizas teórico-metodológicas: (i) a identificação dos princípios de uma teoria polifônica; (ii) as representações do sujeito marcadas linguisticamente no interior do enunciado. Para isso, a pesquisa se concentra em uma abordagem indutiva, objetiva e descritiva a partir dos pressupostos teóricos da Semântica Enunciativo-Argumentativa, representada por Ducrot. Os cinco fragmentos de enunciados ilustrados e analisados neste artigo foram extraídos, em uma amostra aleatória, dos textos de opinião produzidos nas oficinas de retextualização do gênero editorial para o gênero de opinião entre os meses de abril a junho/2008. Tais enunciados foram escritos por alunos jovem-adultos de Língua Inglesa, matriculados no Curso de Graduação da Universidade Federal de Pernambuco. Os resultados obtidos apontam que a identificação do locutor ao dizer do Outro está ancorado, primeiramente, por um diálogo imaginário de vozes que se diferenciam pela diversidade de pontos de vista e, em segundo lugar, pela posição assumida por este locutor que pode ser de reciprocidade, de concordância e de transposição. Por essas posições, verifica-se que há manobras discursivas do locutor frente aos sujeitos-enunciadores, a fim de que ele possa validar o seu dizer. A primeira manobra está relacionada ao reagrupamento de enunciadores em torno de um mesmo conteúdo proposicional; a segunda, a permanência de uma voz identificada ou oposta à posição do locutor; a terceira, a organização de um discurso em torno de vozes enunciativas negativas para marcar a reafirmação do lugar do locutor; e a última manobra, a utilização dos operadores tanto como grau de identificação do locutor às vozes enunciadas quanto como sinalização das formas de restrições e de condições que o locutor impõe sobre os enunciados.

Palavras-chave: locutor; enunciadores, pontos de vista

Abstract:

This article analyzes, from the perspective of the operators, the imaginary game the announcer sets with the words of other to mark its position in the statement. In this analysis, two parameters act as theoretical-methodological tools: (i) identification of the principles of a theory polyphonic (ii) the representations of the subject marked linguistically within the statement. For this, the research focuses on an inductive, objective and descriptive approach according to the theoretical assumptions of Enunciative-Argumentative Semantics, represented by Ducrot. The five fragments of statements illustrated and discussed in this paper were extracted in a random sample of opinion texts produced in the workshops of retextualization of the editorial gender to the opinion between the months of April to June/2008. Such statements were written by young-adult learners of English registered in undergraduate course at the Federal University of Pernambuco. The results indicate that the identification of the announcer to say the other is anchored, primarily, by an imaginary dialogue of voices that differ in the diversity of views and, secondly, by the position taken by this announcer that can be a reciprocity, an agreement and an implementation. For these positions, there are discursive maneuvers of the announcer front to the enunciators. The first maneuver is related to reunification enunciators around the same propositional content; the

¹Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco, no Grupo de Pesquisa de Linguagem, Tecnologia e Ensino.

second, the permanence of a voice identified or opposite to the position of the announcer; the third, the organization of a discourse around negative enunciative voices to mark the reaffirmation of the place of the announcer; and the last maneuver, the use of the operators as degree of identification of the announcer as signaling forms of restrictions and conditions imposed by the announcer on the enunciators.

Keywords: announcer; enunciators; views

Introdução

Desde que o sujeito do discurso passou a ser tema de discussão pelo Estruturalismo, pela Psicanálise e pela Análise do Discurso, a sua unicidade e a sua pretensa ideia de domínio da consciência, aos moldes cartesianos, perdem espaço para se submeter ao múltiplo, ao diferente. Isso pode nos dar a impressão, ou pelo menos relativa, de que se trata de apagar o ego, isto é, de dizer que o “eu-sujeito” não subsiste de forma alguma já que há a presença do(s) Outro(s) no discurso.

Por mais interessante e convincente que essa hipótese possa parecer, o pressuposto da existência deste “eu” continua a existir, não como única voz responsável pelo enunciado, mas em um processo discursivo com outras vozes do enunciado. Tal Concepção é assegurada por Ducrot (1987) quando afirma a inadequação da existência de um sujeito único, e apregoa que, na realidade, o que há são várias representações do sujeito no enunciado.

Essa afirmação trazida por Ducrot soa tanto como princípio norteador de sua teoria polifônica da enunciação como também reterritorializa o que Bakhtin postula sobre as vozes alheias, as quais participam ativamente do processo de constituição do sujeito:

Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados [...] é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos (BAKHTIN, 2003, pp. 294-295).

Ao pensar nessas vozes que perpassam os enunciados e como estas se articulam sob as forças das representações dos sujeitos, decidimos desenvolver um trabalho que tivesse como objetivo analisar o jogo discursivo que o sujeito-locutor firma com os sujeitos-enunciadores para validar a sua posição no enunciado. Neste caso, selecionamos os operadores discursivos para explicar o jogo imaginário estabelecido entre o locutor e os enunciadores. Para a efetivação deste objetivo, fez-se necessário que estabelecêssemos conexão teórica com a Teoria Polifônica da Enunciação, Teoria da Argumentação, desenvolvida por Oswald Ducrot (1987), no quadro da Semântica Enunciativo-Argumentativa.

Realizados estes recortes o estudo versará, inicialmente, sobre os princípios básicos que compõem uma teoria polifônica; em seguida, destacará algumas formas representativas do sujeito-locutor e dos sujeitos-enunciadores; próximo, analisará, à luz dos operadores, como o sujeito-locutor articula as vozes enunciativas que podem estar representadas no discurso de certo enunciador; finalmente, de forma reflexiva, retomar-se-ão alguns pontos que foram observados no percurso deste estudo.

1. Princípios da teoria polifônica da enunciação: buscando os fios

Para realizarmos uma abordagem sobre as vozes discursivas e a articulação destas pelos sujeitos em um enunciado, discutiremos aqui dois caminhos importantes tomados por

Ducrot na construção do que venha a ser uma teoria polifônica: (i) a oposição à unicidade do sujeito; e (ii) a afirmação de que o sentido de um enunciado é a descrição de sua enunciação.

1.1 A não-unicidade e a descrição da imagem da enunciação: buscando os fios

No capítulo “Esboço de uma teoria polifônica da enunciação”, da obra *O dizer e o dito*, Ducrot (1987), para elaborar sua teoria sobre a não-unicidade do sujeito, como sendo constitutiva da linguagem e do sentido, reporta-se ao estudo de Banfield (1979), em torno do estilo indireto-livre, criticando-a por designar de “sujeito de consciência” o locutor de um determinado ponto de vista e, ao mesmo tempo, por identificá-lo como um sujeito uno, autor empírico de enunciados.

Discordando dessa unicidade, Ducrot se filia à Bakhtin ao observar que “para este autor há toda uma categoria de textos, e, notadamente, de textos literários, para os quais é necessário reconhecer que, várias vozes falam simultaneamente, sem que uma dentre elas seja preponderante e julgue as outras” (DUCROT, 1987, p 161).

E com vistas a explicitar os pressupostos que adota como polifonia, Ducrot (1987, p. 163) alude que sua teoria da polifonia pode ser vista como uma “extensão livre” dos trabalhos de Bakhtin, estando, sobretudo, ancorada nas pesquisas de Authier (1978) e Plénat (1979)². Sobre esta extensão livre, Ducrot quer sinalizar que seus trabalhos não têm nenhuma relação com textos literários e com implicação psicofisiológica. Além disso, observa o teórico que o que diferencia a sua teoria de polifonia em relação à de Bakhtin é porque este sempre aplicou a “sequências de enunciados, jamais aos enunciados de que estes textos são constituídos. De modo que ela não chegou a colocar em dúvida o postulado segundo o qual um enunciado isolado faz ouvir uma única voz”³ (DUCROT, 1987, p 161). Com esse comentário, o linguista dá a entender que o seu corpus de análise são os enunciados simples e que estes em suas pesquisas revelam uma configuração com mais de um sujeito.

É, pois, com base em tais pressupostos que Ducrot (1987, p. 168) passa a descrever a enunciação como “o acontecimento constituído pelo aparecimento de um enunciado”, considerando a realização de um enunciado como “um acontecimento histórico”, em virtude do fato de ser dada existência “a alguma coisa que não existia antes de se falar e que não existirá mais depois” (ibid., p. 168). Desse modo, conforme se pode observar, a enunciação, para Ducrot, consiste em um acontecimento histórico, não em virtude das determinações anteriores e exteriores que a afetam, mas como uma aparição linguisticamente momentânea tomada, notadamente, em sua dimensão espaço-temporal única.

Em contrapartida, o enunciado é o observável, a manifestação, a ocorrência histórica de uma frase. Segundo Ducrot (ibid., p. 164) “o enunciado traz consigo uma qualificação de sua enunciação”, e esta qualificação refere-se à descrição do sentido do enunciado. Sobre essa descrição, entende-se que o sentido de um enunciado também não se encontra nele mesmo, tomado isoladamente, mas depende dos outros enunciados para os quais aponta. Tal constatação pode ser confirmada quando o linguista francês assegura:

[...] uma entidade lingüística (um enunciado, por exemplo) não poderá se definir independentemente de seu emprego num diálogo. Dar sua

²Ducrot (1987) alude aos artigos “Les formes du discours rapporté”, de Jacqueline Authier-Revuz, e “Sur la grammaire du style indirect libre”, de Plénat, que colocaram em dúvida os dois princípios de Banfield (“um enunciado: um sujeito consciente” e “se há um locutor, ele é idêntico ao sujeito da consciência”).

³ Por compreender que Bakhtin defendeu “a palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (1999, p. 113), e que “o nosso discurso está cheio de palavras dos outros” (2005, p. 195), não concordamos plenamente com Ducrot quando afirma que o pensador russo não havia questionado o postulado de que um enunciado isolado apresenta uma única voz.

significação será indicar qual ato está sendo realizado quando o utilizamos para nos dirigirmos a um interlocutor. E o ato lingüístico fundamental será o de impor ao interlocutor tal ou tal tipo de resposta, impedindo simultaneamente tal ou tal outro. O enunciado se definirá então pelas possibilidades de resposta que abrem e por aquelas que fecham. É dizer que sua realidade não se localiza nele, mas fora dele – nos outros enunciados cujo uso ele oferece ou proíbe a um eventual interlocutor (DUCROT, 1977, p. 13).

Nessa citação, Ducrot, ao sinalizar para uma noção de ato de fala sendo realizado, dá indicações da presença de sujeitos contidos no sentido do enunciado. Tal possibilidade é confirmada quando o linguista assegura que “é o objeto próprio de uma concepção polifônica do sentido mostrar como o enunciado assinala, em sua enunciação, a superposição de diversas vozes” (DUCROT, 1987, p. 172). Isto porque segundo o linguista,

[...] a língua comporta, de forma irreduzível, todo um catálogo de relações inter-humanas, toda uma panóplia de papéis que o locutor pode escolher para si mesmo e impor ao interlocutor. Sua função não poderia reduzir-se, então, à transmissão de informação. [...]. Mas ela será considerada como um jogo, ou melhor, como o estabelecimento das regras de um jogo, e de um jogo que se confunde amplamente com a existência cotidiana. (DUCROT, 1977, p.12)

2. As várias representações do sujeito da enunciação

Da formulação acima o que pode ser inferido – comparando com a teoria da argumentação na língua desenvolvida pelo teórico – é que para Ducrot a língua contém as regras do jogo (argumentação) que permitem o “encontro” entre os sujeitos. Na dinâmica da jogada jogo (encadeamento do jogo), entretanto, um sujeito-locutor escolhe a sua jogada (sua posição) na dependência da jogada (posição) do outro e, ao mesmo tempo, impõe ao outro um determinado modo (marcas) de continuar o jogo (na enunciação presente).

Constatamos, então, que foi a partir dessa concepção de língua como um jogo, cuja função fundamental é a argumentação, que Ducrot foi capaz de perceber não só que há alguém que enuncia, mas que, ao fazê-lo, não enuncia sozinho, depende também da enunciação anterior, que, de algum modo, deixa marcas na enunciação presente.

Dessa forma, contrariando a concepção de sujeito que predominava nos estudos da ciência da linguagem, ou seja, a noção de um ser autor e origem de atos ilocucionários, um ser intencional⁴, decidindo por si só o que deve ou não ser enunciado, Ducrot surge com a concepção de que esse sujeito não enuncia sozinho, mas dá voz a outros sujeitos.

Isso acontece porque o linguista acredita que o sujeito que enuncia é um ser discursivo que só se constitui na representação da enunciação, isto é, no sentido do enunciado. Por isso, a enunciação pode ser atribuída a mais de um sujeito; o sujeito-locutor pode dar voz a outros sujeitos, como assim argumenta o próprio linguista:

Certamente quando defini a noção de enunciação, tal como a utilizo enquanto lingüista que descreve a linguagem, recusei-me, explicitamente, de aí introduzir a idéia de um produtor da fala: minha noção é neutra em relação a tal idéia. Mas não se dá o mesmo com esta descrição da enunciação que é constitutiva do sentido dos enunciados – a que é constitutiva do que o enunciado quer dizer e não mais do que o lingüista diz. Ela contém, ou pode

⁴ Para Ducrot, o sujeito também parece ser intencional, mas na medida em que abre espaço para a enunciação de outros, sua intenção é se posicionar no jogo interativo.

conter, a atribuição à enunciação de um ou vários sujeitos que seriam sua origem (DUCROT, 1987, p.181-182).

Vemos, nessa linha analítica desenvolvida por Ducrot, uma espécie de operacionalização do seu conceito de polifonia, que passa a ser encarada como as diversas representações (vozes) do sujeito no interior do enunciado. Nessa operacionalização, o linguista francês sistematiza os sujeitos do enunciado em duas categorias⁵, assim representadas: os locutores (L) e os enunciadores (E).

Ao representar os locutores na sua forma plural, Ducrot chama a atenção para a existência de certos enunciados apresentarem mais de um locutor, isto é, “uma pluralidade de responsáveis, dados como distintos e irreduzíveis” (ibid., p. 182). É, pois, dessa perspectiva que o locutor se caracteriza como

[...] um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável, ou seja, como alguém a quem se deve imputar a responsabilidade deste enunciado. É a ele que refere o pronome eu e as outras marcas da primeira pessoa (DUCROT, 1987, p 182).

O locutor constitui-se, nessa citação, como um ser do discurso, ou seja, uma espécie de personagem fictícia, já que só existe no interior do enunciado. Acrescido a isso, segundo o linguista, no próprio interior da noção de locutor, faz-se possível distinguir o **locutor enquanto tal (L)**, que é o responsável pela enunciação; e o **locutor enquanto ser do mundo (L^h)**, que tem por propriedade projetar uma imagem sobre si mesmo e de ser a origem do enunciado.

Já a categoria dos enunciadores é descrita como seres se

expressando através da enunciação, sem que para tanto se lhes atribuam palavras precisas; se eles falam é somente no sentido em que a enunciação é vista como expressando seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não, no sentido material do termo, suas palavras (DUCROT, 1987, p.192).

Dessa forma, podemos aludir que os enunciadores referem-se às falas virtuais, de um discurso considerado sem que ninguém o tenha pronunciado, nem mesmo sob outra forma. Os enunciadores constituem assim uma representação linguística da realidade, onde eles veem as coisas, mas não as coisas através das palavras.

Para chegar a essa compreensão de enunciadores, Ducrot (1987, p. 193) os relaciona com os locutores, em uma espécie de organização teatral, em que o locutor seria o autor, aquele que organiza as posições, que põe em cena os personagens, enquanto os enunciadores representariam exatamente esses personagens, a origem das vozes, dos pontos de vista expressos. Tal relação fica muito clara no excerto seguinte:

O locutor, responsável pelo enunciado, dá existência, através deste, aos enunciadores de quem ele organiza os pontos de vista e as atitudes. É sua posição própria que se manifesta seja porque ele se assimila a este ou aquele dos enunciadores, tomando-o por representante [...], seja simplesmente porque escolheu fazê-los aparecer, e que sua aparição mantém-se significativa, mesmo que ele não se assimile a eles [...] (DUCROT, 1987, p. 193).

⁵ Ducrot (1987) comenta sobre o sujeito falante (produtor empírico), mas não o inclui em sua categorização. Isso acontece porque o linguista desconsidera as condições externas da produção do enunciado.

Sobre as posições dos locutores, citadas acima, verifica-se que elas podem se manifestar quando o locutor assume um ponto de vista de um dos enunciadores, se representando por meio desse; ou, simplesmente, porque optou por fazê-los aparecer, por meio de concordância e de oposição com os enunciadores. Segundo Ducrot e Carel (2008), na concordância, o locutor se proíbe de contestar esse ponto de vista no seu discurso. Na oposição, o locutor descreve a enunciação como “proibindo, no discurso ulterior, assumir ou dar sua concordância a esse enunciador” (DUCROT; CAREL, 2008, p. 8).

É interessante notar que para Ducrot as manifestações de assimilação, de concordância e de oposição ocorrem porque há uma gradualidade argumentativa de forma transparente aplicada aos enunciados, possibilitando assim a identificação dos pontos de vista. Carel (1998) sinaliza que essa graduação pode ser verificada por uma relação estabelecida com os operadores argumentativos do tipo *donc*-argumentativo (no entanto) e *pourtant*-conclusivo (portanto)⁶, que mantém os traços de graduação dos pontos de vista. Logo, é sobre os traços de assimilação, de concordância e de oposição que trataremos na seção 4, após o relato metodológico da pesquisa.

3. Metodologia

O artigo concentra-se em uma abordagem indutiva, objetiva e descritiva a partir dos pressupostos teóricos da Semântica Enunciativo-Argumentativa. Os enunciados ilustrados e analisados neste artigo foram extraídos em um corpus de textos de opinião produzidos por alunos de inglês/LE da Universidade Federal de Pernambuco.

A análise será realizada pela descrição das posições de reciprocidade, de transposição e de concordância ocupadas pelos locutores que se transvestem de responsáveis pelo dito. Para essa descrição, observar-se-á o encadeamento discursivo operacionalizado pelos operadores.

4. O dizer do locutor validado pelo discurso do outro: Análises sob a ótica dos operadores

Ducrot (1988), em seus trabalhos de semântica argumentativa, retoma o conceito de ‘conectivos’ e usa o termo operador argumentativo para designar, no texto, diversos morfemas, expressões ou certas marcas que têm a propriedade de orientar a argumentação dos enunciados a uma dada conclusão.

Para explicar seu funcionamento, o linguista descreve que eles são como uma classe que impõe restrições/condições sobre os enunciados, isto é, eles mostram que a significação das frases comporta a indicação de lacunas a serem preenchidas para que se possa chegar ao sentido de seus enunciados, bem como a indicação de um largo conjunto de possibilidades quanto à maneira como os locutores se posicionaram frente aos enunciadores.

Sobre essas lacunas, Anscombe e Ducrot (1988) comentam que estas só existem porque os operadores são povoados em suas margens de vários outros discursos, sendo, portanto, preciso indagar a respeito de seus espaços colaterais que entram simultaneamente em diversos campos de relações e, em cada lugar, a posição que ocupam é diferente, dependendo do jogo discursivo em questão mobilizado pelos locutores. Desse modo, os operadores podem tornar a aparecer, dissociar-se, recompor-se, ganhar extensão, adquirir novos sentidos.

Essa ideia é postulada também por Roulet, Filliettaz e Grobet (2001, p. 165) que veem os operadores com a qualidade interdiscursiva de aflorar as contradições, as diferenças,

⁶ Dentro dessas duas representações de operadores, incluem-se os demais, como: então, por isso, pois, no entanto, mas, etc.

inclusive os apagamentos que subjaz a todo discurso. Por esta ótica, se os operadores têm essas qualidades é porque os seus sentidos são constituídos por um conjunto vago de possibilidades que deixam entrever nos enunciados perspectivas de enunciadores diferentes, conferindo ao discurso uma imagem polifônica.

A partir dessas caracterizações sobre os operadores, vejamo-nos então como se dá o entrelaçamento das vozes dos sujeitos presentes nos enunciados.

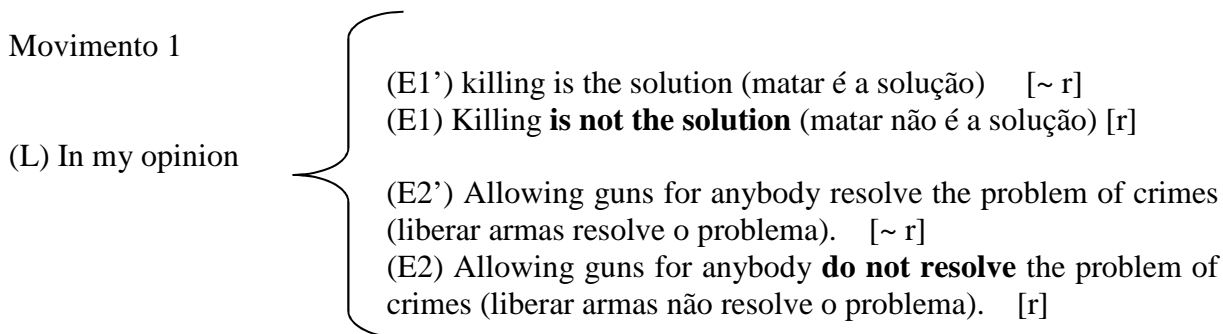
4.1 Reciprocidade: vozes que convergem para uma única conclusão

De acordo com Roulet, Filliettaz e Grobet (2001), os operadores argumentativos do tipo *and; also; not only that ... but also; moreover; besides [that], above all, basically* apresentam uma característica similar no que tange a seu caráter polifônico: ambos reúnem vozes de grande força argumentativa e orientam a cadeia de enunciados para uma determinada conclusão. Vejamo-nos como isso ocorre no fragmento 1:

Fragmento 1:

In my opinion, it is necessary **not only** increase the tougher penalties for who as handguns and makes crimes. It is necessary, **basically**, that politics of education be implanted **and** occupied the empty time of these people. killing is not the solution. Allowing guns for anybody do not resolve the problem of crimes (informante Patty).⁷

Ao analisar o fragmento acima observamos, primeiramente, dois movimentos entre o locutor e os enunciadores⁸, assim representados:



Neste primeiro movimento, a presença do operador “in my opinion” relacionado aos enunciados negativos (“is not”/ “do not...”) realiza um ato de remissão à vozes positivas que subjaz ao enunciado (E1’/E2’). Segundo Ducrot, o que fica claro neste tipo de negação polêmica (1987) é o fato de que sempre há uma oposição a determinada perspectiva com a qual o locutor não concorda.

É em cima dessa oposição que o locutor mantém em jogo o discurso-outro (E1’/E2’)- seu avesso – enquanto presença virtual na sua materialidade descritível para reagrupar vozes com as quais ele possa se identificar com a negação do seu conteúdo posto (E1/E2). Essas vozes podem ser vistas no segundo movimento.

Movimento 2

⁷ O nome dos informantes é um codinome escolhido pelo próprio sujeito da pesquisa.

⁸ Neste trabalho, tendo por base os postulados ducrotianos, representaremos os locutores pela letra L; os enunciadores pela letra E; as vozes com as quais o locutor se identifica pela letra r, com as quais ele não se identifica pela letra ~r, e a conclusão pela letra C.

(L) In my opinion

(E3') it is necessary increase the tougher penalties for who has handguns and makes crimes (é necessário penalidades mais duras para portadores de arma e que cometem crimes) [~r]

(E3) it is necessary **not only** increase the tougher penalties for(L) In my opinion who has handguns and makes crimes (é necessário **não apenas** penalidades mais duras para portadores de arma e que cometem crimes) [r]

(E4) it is necessary, [**but also**] **basically**, that politics of education be implanted (é necessário, [**mas também**] **principalmente**, que políticas de educação sejam implantadas) [r]

(E5) **and** occupied the empty time of these people (e ocupado o tempo daquelas pessoas/trabalho para essas pessoas) [r]

A partir dessa representação fica claro ver que o locutor continua retomando a voz proposicional do enunciado positivo (E3'), através do uso da negação, para manter em jogo a sua adesão aos pontos de vista dos três enunciadores. Isso ocorre porque o locutor estabelece uma relação de junção com os operadores “not only”, “basically” e “and” que descrevem uma gradação concordante “**not only** increase the tougher penalties” (não apenas penalidades mais duras), “**basically**, that politics of education” (mas também políticas de educação) “**and** the empty time of these people” (e trabalho para essas pessoas). Um ponto interessante a ser observado é que o locutor alterou a expressão “not only...but also” para “not only...basically”. Como o operador “basically” recorta o argumento final de maior força – segundo Roulet, Filliettaz e Grobet (2001) – então podemos aferir dos dados que o operador “basically” foi também empregado para mostrar o enunciado de maior adesão pelo locutor, que, neste caso, é a voz do enunciador E4.

Algo bem parecido ocorre no fragmento 2, a seguir:

Fragmento 2

“Light” or “ultra-light” cigarettes [...] keep a billion of smoking addicts, **and, above all**, create the illusion that there is **no** danger (Informante: Margarida).

L

(E1') believing that these kinds of cigarettes have the lowest quantities of dangerous substances (Crença de que estes tipos de cigarros têm baixas quantidades de substâncias tóxicas) [~ r]

(E1) “Light” or “ultra-light” cigarettes [...] keep a billion of smoking addicts (cigarros light ou ultra-light mantém bilhões de viciados em tabagismo) [r]

(E2) **and/above all** create the illusion that there is **no** danger. (e [**porque**]/**acima de tudo** cria a ilusão de não perigo) [r]: Above all, they are no safe (Acima de tudo, eles não são seguros)

Neste segundo fragmento, verificamos a presença de um locutor que dá voz a dois enunciadores distintos (E1) e (E2) que apresentam a mesma força argumentativa. Entretanto, observando o jogo discursivo entre estes enunciadores, constatamos, primeiramente, que o E1 é assimilado a uma voz coletiva (E1') no interior do qual o locutor está localizado (os bilhões

de fumantes se devem à crença das baixas quantidades tóxicas destes cigarros), e, em segundo lugar, que o E2 é assimilado ao locutor pelos operadores “and” e “above all”, o que permite (L) realizar um ato de afirmação (os cigarros light e ultra-light criam a ilusão de não perigo).

Descrito, dessa forma, vemos que como o locutor adere ao E2, então ele articula o E1 através do operador “and” (e/porque), que funciona como uma via de mão dupla entre os dois enunciadores, podendo assim se apresentar: “porque criam a ilusão (E2), os cigarros mantêm fumantes viciados (E1)”, e vice-versa. Em contrapartida, o operador “above all” é empregado para agir sobre o pressuposto (E1’) de modo a anulá-lo e veicular o ponto de vista com o qual o locutor quer dar como conclusivo e que afirma a sua posição: “os cigarros não são seguros porque eles têm altas substâncias tóxicas”.

4.2 Transposição: um enunciado, duas perspectivas diferentes

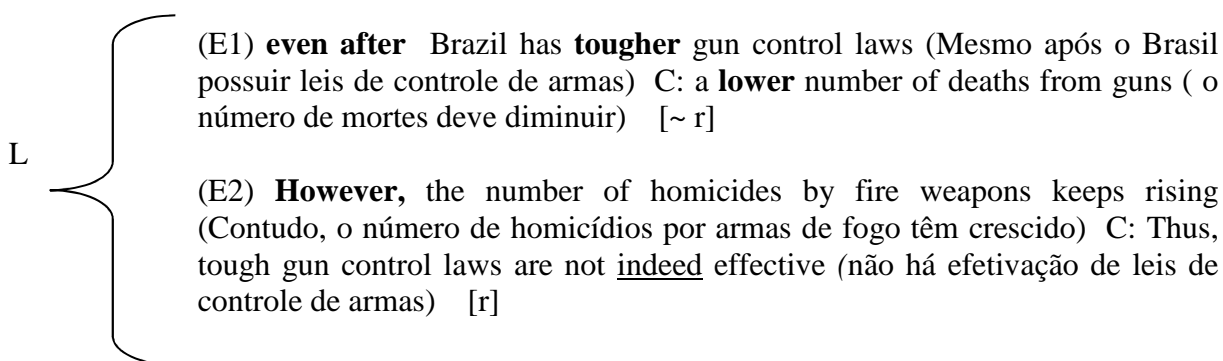
Antes de procedermos às análises dos fragmentos, é importante destacar que os operadores que aqui nos interessam são aqueles que apresentam a configuração polêmica *mas-PA*, uma vez que estes são empregados pelo locutor para descrever a enunciação com a qual ele não assume uma concordância, ou seja, com a voz com a qual ele se opõe. Neste caso, incluem-se, nessa configuração, os introdutores de restrição ou contraste (*but; however; nevertheless; on the one/other hand*); e os introdutores de concessão (*even if; even after, whereas; although/though/even though, in spite of/despite*).

Delimitada essas fronteiras, observamo-nos o seguinte fragmento:

Fragmento 3

However, here in Brazil, **even after** a law which forbids the possession of guns for common people was approved, the number of homicides by fire weapons keeps rising. **And thus** remains the question whether tough gun control laws, such as these mentioned, are indeed effective (Informante Lys).

Ao explorar o fragmento 3 pela visualização do seguinte esquema:



faz-se possível perceber que há um locutor (L) que dá voz a dois enunciadores distintos (E1) e (E2), cujas perspectivas constituem-se em argumentos que apontam para conclusões opostas. Enquanto E1 declara que “o Brasil possui leis de controle de armas”, e assim, conduz à conclusão C: “o número de mortes deve diminuir”, E2 contrapõe-se a essa conclusão ao declarar com o emprego de “however” “que o número de mortes tem crescido”, e assim, apontando como argumento mais forte C: não há efetivação de leis de controle de armas. A perspectiva do argumento mais forte de E2 se situa no fato de que o E1 possui o operador “even if” que, segundo Koch (2006), mostra por antecipação que o argumento introduzido por ele é nulo. Além disso, o locutor ao representar os operadores “and” e “thus”, como um enunciado de extensão-conclusiva do E2, manteve um jogo discursivo com funções bem

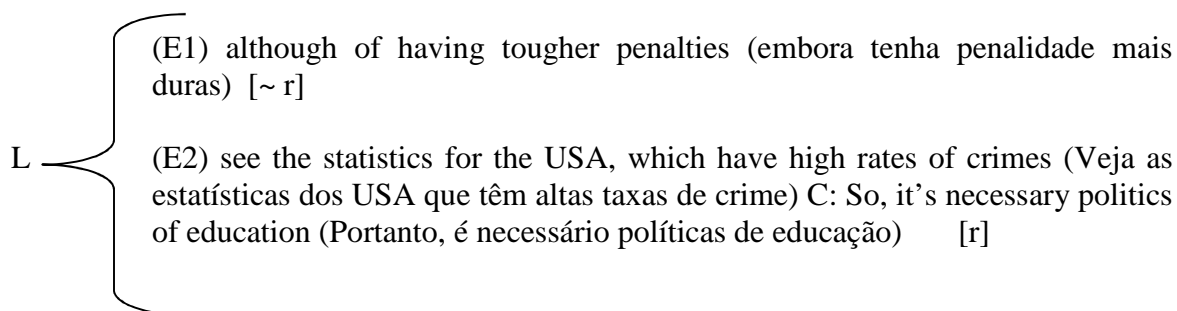
definidas para representar a posição de qual enunciador ele estava aderindo e se opondo. Assim, enquanto o operador “and” evidencia a tensão entre o crescimento da violência (“the number of homicides keeps rising”) e o estado de permanência da questão sobre leis mais duras (“remains the question”) o operador “thus” introduz uma interrogativa retórica sem marcação, com a intenção de refutar os argumentos postos anteriormente e trazer a voz polêmica em seus entremeios: “laws are not indeed effective increase the number of homicides keeps rising” (ausência de leis efetivas manterá o número de homicídios crescendo).

Façamo-nos a leitura do fragmento 4 que apresenta uma perspectiva discursiva diferente.

Fragmento 4

See the statistics for the USA, which have high rates of crimes, **although** of having tougher penalties. The society must educate its children to combat the violence (Informante: Gabi).

Neste fragmento, o que chama a atenção é que o locutor reconhece a legitimidade da voz pública do E1 (os Estados Unidos têm penalidades severas), mas não reconhece a sua eficácia ao introduzir o operador “although”, que indica que a construção dessa voz é fraca. Assim a voz “although of having tougher penalties” (embora tenha penalidade mais duras) vai apenas servir de concessão para ilustrar a voz de E2 que se encarrega de mostrar a sua oposição ao empregar a dêixis discursiva “see”, assim representada: “see the statistics for the USA, which have high rates of crimes” (Veja as estatísticas dos USA que têm altas taxas de crime). Todo esse processo pode ser visualizado pelo seguinte esquema:



Koch (2006) chama a atenção para o fato da voz de oposição apresentar dados objetivos como forma de incorporar as possíveis objeções do outro contra a sua fala. Isso foi possível de se constatar pelo E2 que trouxe ao seu discurso a expressão “See the statistics”.

A presença dessa expressão reverbera por todo o discurso de modo a incluir o argumento de conclusão mais forte que o locutor quer veicular ao articular os pontos de vista dos enunciadores. Vejamo-nos esta reverberação: “[See the statistics]The USA have tougher penalties, but [See the statistics] not resolve the problems of crime. **So**, [See] **it's necessary politics of education**” ([Veja as estatísticas]os Estados Unidos têm penalidade mais duras (E1), mas [Vejam as estatísticas]não resolvem os altos índices de criminalidade (E2). Portanto, [Veja] é necessário políticas de educação (L).

Discorramo-nos, analiticamente, a subseção seguinte.

4.3 **Concordância: um mesmo enunciado e uma mesma perspectiva**

Os operadores do tipo “like”, “many”, “so”, etc. que ocupam esse tipo de posição ligam-se a uma voz geral, que orienta para um conteúdo posto (p) e outro pressuposto (pp).

Nesse caso, o operador que se encontra posto vai estar assimilado ao locutor e vai sustentar a voz pressuposta.

Façamo-nos, então, a leitura do fragmento 5:

Fragmento 5

Sharks are being seen **like** true threats to man's life.

Explorando o fragmento, podemos identificar a presença de pelo menos dois enunciadores (E1) e (E2) que apresentam os seguintes pontos de vistas:

- (L) {
- (E1) **like** Sharks are attacking man's life. (Como os tubarões estão atacando os homens – pp)
 - (E2) Sharks are being seen **like** true threats to man's life. (Os tubarões estão sendo vistos **como** verdadeira ameaça à vida humana – p) [r]

Explorando esses pontos de vista, constatamos que a presença do operador “like” no E2 nos possibilita distinguir que E1 veicula um conteúdo de conhecimento comum previamente partilhado pelo locutor e pelo alocutário (o ataque de tubarões aos homens). Esse pressuposto do E1 apesar de ser admitido pelo locutor (L), não o leva a se identificar com essa voz, e sim com a voz do enunciador 2 que é responsável pelo posto.

A respeito desse não posicionamento de L em relação a E1, descrevemos que o locutor vê esta voz apenas como inscrita na enunciação, sustentando assim a voz do enunciador 2 em um efeito de desdobramento de causa e consequência e que se encontra linguisticamente significada no enunciado.

Realizadas estas correlações internas de leitura, salientamos dizendo que alguns comportamentos atípicos que os operadores, por vezes, nessa seção, manifestam na sua relação com os pontos de vista dos enunciadores, corroborando o que é dito por Ducrot e Carel (2008), têm relações direta com seus traços de acessibilidade, visibilidade e delimitação, sublinhando a sua localização de grau maior ou menor de precisão do ponto zero discursivo do locutor.

Considerações finais

Ao final desta investigação, podemos apreender que há um jogo de manobras discursivas estabelecidas pelo sujeito-locutor frente aos sujeitos-enunciadores, a fim de que ele possa validar o seu dizer. A primeira dessas manobras está ligada a presença de vários enunciadores reagrupados em torno de um mesmo conteúdo proposicional que o locutor quer veicular.

A segunda é a existência de uma voz que se sustenta na enunciação, podendo ser reconhecida ou não pelo locutor. No caso de reconhecimento, o locutor identifica a voz como um conhecimento público partilhado e a engendra na voz de um dos enunciadores no qual se identifica. Já no caso da oposição, o locutor mantém essa voz como recurso de legitimar o seu argumento e marcar uma oposição à mesma através da adesão a uma voz forte de um dos enunciadores.

A terceira manobra se concretiza na organização do seu discurso em torno de vozes enunciativas negativas. Tal estratégia é marcada por uma voz positiva, vinculada à enunciação, que serve para reafirmar o lugar do locutor no encaminhamento discursivo.

E por fim temos a quarta manobra, na qual os operadores são empregados como forma de indicar o grau de identificação do locutor com cada uma das vozes envolvidas e

como forma de sinalizar as restrições/condições que os locutores impõem sobre os enunciados. Nesse sentido, é importante destacar que os operadores indicam como esse sujeito-locutor se marca diferentemente em cada enunciação pelo atravessamento dos pontos de vista dos sujeitos-enunciadores.

Balizadas essas manobras, convém salientar que a ideia básica, deste estudo, era ver como este “eu-sujeito-locutor” se representava, isto é, permanecia validado no discurso deste outro que são os sujeitos-enunciadores. Nesse sentido, a expectativa é que este artigo possa de alguma forma contribuir tanto para uma reflexão avaliativa sobre os possíveis desdobramentos dos sujeitos em uma enunciação quanto à formulação de hipóteses sobre a função dos operadores na articulação dessas posições e no engajamento do locutor com os enunciadores.

Referências bibliográficas

- ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. *La argumentación en la lengua*. Versión española: Júlia Servillar y Marta Tordesillas. Madrid: Editorial Gredos, S.A, 1988.
- AUTHIER-REVUZ, J. *Les formes du discours rapporté*. D.R.L.A.V., Université de Paris VIII, 17, pp. 1-88, 1978.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud et al. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- _____. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- BANFIELD, A. Où l'épistémologie de style et la grammaire rencontrent la théorie littéraire. *Langue Française*, 44, pp. 9-26, 1979.
- CAREL, Marion. Argumentación normativa y argumentación exceptiva. *Signo & Seña*, Buenos Aires, UBA, n. 9, p. 257-298, jan. 1998.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.
- _____. *Princípios de Semântica Lingüística: dizer e não dizer*. Tradução de Carlos Vogt et al. São Paulo: Cultrix, 1977.
- _____. Os internalizadores. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, PUCRS, v. 37, n. 3, p. 7-26, set. 2002.
- _____; CAREL, Marion. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 43, n.1, p. 7-18, jan./mar. 2008.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- _____. *Argumentação e linguagem*. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- _____. *A Inter-ação pela linguagem*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- PLÉNAT, M. Sur la grammaire du style indirect libre. *Cahiers de grammaire*, Université de Toulouse – Le Mirail, I, pp. 95-137, 1979.
- ROULET, Eddy; FILLIETTAZ, Laurant; GROBET, Anne. *Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours*. Berne: Lang, 2001.